



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS - UNEAL
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURA INDÍGENA – CLIND/AL
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS
POLO ZONA DA MATA – JOAQUIM GOMES/AL

ANALICE DA SILVA SANTOS

**A EDUCAÇÃO DO ESTUDANTE SURDO E A PRÁTICA EDUCACIONAL:
ESTUDO DE UMA ESCOLA INDÍGENA DA ALDEIA WASSU COCAL**

JOAQUIM GOMES – AL
2025

ANALICE DA SILVA SANTOS

**A EDUCAÇÃO DO ESTUDANTE SURDO E A PRÁTICA EDUCACIONAL:
ESTUDO DE UMA ESCOLA INDÍGENA DA ALDEIA WASSU COCAL**

Artigo Científico, apresentado ao Curso de Letras - Português da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Polo Zona da Mata Joaquim Gomes/AL, como requisito parcial à obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e do título de Licenciatura Intercultural Indígena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Samara Cavalcanti da Silva

SANTOS, Analice da Silva. **A educação do estudante surdo e a prática educacional: estudo de uma escola indígena da Aldeia Wassu Cocal**. Joaquim Gomes/AL, 2025. 26 Pág. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural Indígena em Pedagogia) – Curso de Letras - Português, Polo Zona da Mata Joaquim Gomes/AL, Universidade Estadual de Alagoas, Joaquim Gomes/AL.

Artigo Científico, apresentado ao Curso de Letras - Português da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Polo Zona da Mata Joaquim Gomes/AL, como requisito parcial à obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e do título de Licenciatura Intercultural Indígena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Samara Cavalcanti da Silva.

Coorientador: Prof. Me. Aleph Danillo da Silva Feitosa.

Aprovado em: 05/04/2025.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Samara Cavalcanti da Silva
Presidente/Orientadora – UNEAL

Prof. Dr. David Oliveira
Avaliador – UNEAL

Prof. Dr. Lavoisier Almeida dos Santos
Avaliador – UNEAL

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro momento a Deus, pela vida e por toda proteção que Ele tem me dado.

A minha família, pelo apoio incondicional durante essa minha caminhada na formação acadêmica e todas as etapas da minha vida.

Aos professores da UNEAL e a todos que fazem parte da equipe CLIND/AL.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação acadêmica.

EPÍGRAFE

*“Quando sonhamos sozinhos é apenas um
sonho. Quando sonhamos juntos é o começo
da realidade.”*

Davi Kopenawa Yanomami

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 A FORMAÇÃO DOCENTE INDÍGENA EM UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL.....	08
2.1 Práticas educacionais para a promoção da educação inclusiva do estudante surdo nas escolas indígenas da Aldeia <i>Wassu Cocal</i>.....	10
3 METODOLOGIA.....	12
3.1 Universo e participantes da pesquisa.....	13
3.2 Instrumentos de coleta de dados.....	13
3.3 Análise dos dados.....	14
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	14
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	20
ANEXO A: Questionário aplicado aos segmentos envolvidos.....	23

A EDUCAÇÃO DO ESTUDANTE SURDO E A PRÁTICA EDUCACIONAL: ESTUDO DE UMA ESCOLA INDÍGENA DA ALDEIA WASSU COCAL

Analice da Silva Santos

Graduanda do curso de Licenciatura Intercultural Indígena em Pedagogia

Professora/Orientadora. Dra. Samara Cavalcanti da Silva

E-mail: samara.melo@uneal.edu.br

RESUMO

Este estudo tem como ponto de partida as seguintes questões de pesquisa: Quais práticas educacionais são adotadas para promover a educação inclusiva do estudante surdo na Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira, localizada na Aldeia Wassu Cocal? Quais desafios são enfrentados nesse contexto? O objetivo geral da pesquisa é analisar as práticas pedagógicas utilizadas para a inclusão de estudantes surdos nessa escola, levando em consideração suas especificidades culturais e linguísticas. Adotando uma abordagem qualitativa, a pesquisa se caracteriza pela investigação aprofundada dos fenômenos sociais em seu contexto, por meio de observação direta e aplicação de questionários com professores e gestores escolares. Os dados foram coletados no período de 5 a 15 de dezembro de 2024. Os resultados apontam para um cenário de escassez de recursos pedagógicos adaptados e formação específica para a educação de surdos. Contudo, a pesquisa também evidencia os esforços da escola para promover práticas inclusivas, como a integração de intérpretes de Libras e a utilização de estratégias didáticas alternativas. Em conclusão, a inclusão de estudantes surdos na Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira exige investimentos em formação continuada de professores, no desenvolvimento de materiais didáticos específicos e na valorização das culturas locais. O estudo sugere a necessidade de uma abordagem mais integrada entre a educação especial e a educação indígena, visando uma inclusão mais eficaz e contextualmente relevante.

Palavras-chave: Educação de surdos. Educação indígena. Práticas pedagógicas. Inclusão. Aldeia *Wassu Cocal*.

1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva, especialmente no que se refere à educação de estudantes surdos, tem se configurado como um grande desafio no contexto da educação indígena, particularmente na Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira, localizada na Aldeia Wassu Cocal. A articulação entre a educação bilíngue – que envolve a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a língua portuguesa – e a preservação dos saberes tradicionais da cultura indígena do povo *Wassu Cocal*

levanta questões de grande relevância tanto do ponto de vista social quanto educacional.

Esse cenário evidencia a necessidade de compreender como as práticas pedagógicas podem ser adaptadas para atender às especificidades dos estudantes surdos, ao mesmo tempo em que respeitam as particularidades culturais e linguísticas da comunidade indígena. Nesse contexto, este estudo se fundamenta na valorização da identidade do estudante surdo, reconhecendo que seu aprendizado depende de condições que garantam sua plena participação no ambiente escolar. Do ponto de vista teórico, a pesquisa busca contribuir para o campo da educação inclusiva e intercultural, explorando as interfaces entre a educação especial e a educação indígena, com o intuito de oferecer novas perspectivas para o desenvolvimento dessas áreas.

A relevância deste estudo se justifica pela necessidade de ampliar os debates sobre a educação de estudantes surdos em contextos interculturais, propondo práticas pedagógicas inclusivas que respeitem as especificidades linguísticas e culturais dos povos indígenas. Além disso, os resultados esperados podem subsidiar o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a formação de professores e para a inclusão educacional de estudantes surdos em contextos indígenas, promovendo o fortalecimento dos direitos educacionais desses grupos.

AS questões centrais que orientam esta pesquisa são: (1) quais práticas educacionais são desenvolvidas para promover a educação inclusiva de estudantes surdos na Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira, na Aldeia *Wassu Coca'*?; e (2) quais são os desafios enfrentados nesse contexto?

Para responder a essa questão, traçou-se como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas utilizadas na educação de estudantes surdos nessa escola, levando em consideração suas especificidades culturais e linguísticas. Como objetivos específicos, destacam-se: identificar as metodologias empregadas pelos professores no ensino de estudantes surdos, investigar os desafios enfrentados na implementação da educação inclusiva e compreender como os aspectos culturais da comunidade influenciam esse processo.

Este artigo está estruturado em outras cinco seções, além desta introdução. Na segunda seção, é apresentado o referencial teórico, que explora a formação docente indígena a partir de uma perspectiva intercultural e as práticas educacionais

voltadas à inclusão de estudantes surdos na Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira. Na terceira seção, destaca-se o percurso metodológico adotado ao longo da investigação. Na quarta seção, são apresentados os resultados e as discussões derivadas da pesquisa de campo. Por fim, na quinta seção, são trazidas à baila do debate as considerações finais, destacando as contribuições do estudo, suas limitações e as perspectivas para futuras pesquisas na área.

2 A FORMAÇÃO DOCENTE INDÍGENA EM UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

A formação de docentes indígenas, sob a ótica intercultural, é fundamental para a promoção de uma educação que respeite e valorize a diversidade cultural e linguística dos povos originários. Na Aldeia *Wassu Cocal*, essa formação não é apenas um direito, mas um caminho essencial para a preservação e fortalecimento dos saberes tradicionais, a construção da identidade do povo indígena e a criação de uma educação verdadeiramente emancipadora. Como afirmam Buczenko e Souza (2023, p. 2),

[...] a formação docente indígena deve ser compreendida como um processo que articula as demandas educacionais contemporâneas com as especificidades culturais e sociais das comunidades indígenas, visando a construção de uma pedagogia que valorize tanto o conhecimento acadêmico quanto o saber ancestral (Buczenko; Souza, 2023, p. 2).

Essa perspectiva sugere um modelo educacional que vai além da mera transmissão de informações, incluindo práticas e conhecimentos fundamentais para o fortalecimento das comunidades indígenas e para a criação de um ambiente educacional que incentive a troca cultural, o respeito mútuo e a autonomia. Nesse sentido, a formação de professores, com enfoque intercultural, torna-se um aspecto crucial para a construção de uma educação que, ao mesmo tempo, valorize as tradições e se prepare para os desafios do mundo atual.

Ainda sobre esta temática, Buczenko e Souza (2023, p. 2) argumentam que:

A perspectiva intercultural na formação docente busca articular os conhecimentos tradicionais das comunidades indígenas com os saberes acadêmicos, promovendo uma educação que seja pertinente e significativa para os contextos específicos dessas comunidades. Pois, a interculturalidade implica o diálogo entre culturas, superando relações hierárquicas de domínio e subordinação (Buczenko; Souza, 2023, p. 2).

No contexto legislativo, o Brasil avançou consideravelmente ao garantir, por meio da Constituição Federal de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), o direito dos povos indígenas a uma educação diferenciada e intercultural. Essas bases legais não apenas asseguram o respeito às especificidades culturais e linguísticas dos povos indígenas, mas também incentivam a criação de políticas públicas voltadas para a formação de professores indígenas.

No entanto, a formação intercultural ainda enfrenta desafios importantes. Muitos programas de formação não conseguem integrar adequadamente os saberes indígenas aos conteúdos acadêmicos, o que resulta em um modelo educacional que, muitas vezes, se afasta da realidade das comunidades (Caiado, 2024). Nesse sentido, Alves (2022) argumenta que a interculturalidade deve ser compreendida como uma proposta crítica, que vai além da simples convivência entre culturas, promovendo relações dialógicas e democráticas, rompendo com os paradigmas eurocêntricos que ainda predominam em muitas instituições de ensino.

Outro aspecto crucial é a valorização das línguas indígenas na formação docente. Como destacam Ataíde e Costa (2021, p. 141), “[...] a língua é um elemento estruturante da identidade cultural, e sua preservação deve ser uma prioridade em qualquer programa de formação intercultural”. Nesse sentido, é essencial que os professores indígenas recebam formação bilíngue, permitindo-lhes atuar tanto na língua de suas comunidades quanto na língua portuguesa, garantindo, assim, o acesso dos alunos a diferentes esferas de conhecimento.

Dentro desse contexto, algumas experiências bem-sucedidas demonstram o potencial transformador da formação docente intercultural. O Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND-UNEAL), oferecido pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), é um exemplo importante dessa transformação, sendo um marco significativo para a promoção da educação escolar indígena no estado e contribuindo para a formação de professores que atuam como mediadores entre os saberes tradicionais e os acadêmicos.

Em síntese, a formação docente indígena em uma perspectiva intercultural representa um avanço notável na busca por uma educação mais justa e inclusiva. Embora desafios como a integração efetiva dos saberes tradicionais e a valorização das línguas indígenas ainda persistam, os progressos alcançados até agora indicam que é possível construir um modelo de formação docente que fortaleça a identidade

cultural e promova a autonomia das comunidades indígenas. Assim, a perspectiva intercultural se apresenta como um caminho essencial para consolidar uma educação verdadeiramente plural e inclusiva.

Segundo Quadros (2020), a educação de alunos surdos exige a articulação entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a língua portuguesa escrita, promovendo a integração linguística e acadêmica. Um dos principais desafios na atuação docente no ensino superior é a adaptação das práticas pedagógicas para atender às necessidades dos estudantes surdos, desde a produção de materiais didáticos bilíngues até a disponibilização de recursos tecnológicos que favoreçam a comunicação e o aprendizado. De acordo com Lacerda (2020), a presença de um tradutor/intérprete de Libras é fundamental para garantir o pleno acesso dos alunos surdos às aulas e interações acadêmicas.

Sá e Lodi (2017) frisam que a falta de preparo dos professores impacta diretamente a qualidade do ensino oferecido, comprometendo tanto a compreensão dos conteúdos quanto a participação ativa dos alunos surdos nas atividades acadêmicas. No entanto, há exemplos de boas práticas que ilustram como a atuação docente pode transformar a experiência de estudantes surdos na educação superior.

Além disso, a construção de um ambiente de aprendizado inclusivo também depende da sensibilização da comunidade acadêmica, promovendo uma cultura de respeito e acolhimento. Em resumo, a atuação docente na educação superior no contexto do ensino de alunos surdos exige competências pedagógicas, conhecimentos linguísticos e uma postura inclusiva que valorize a diversidade.

2 Práticas educacionais para a promoção da educação inclusiva do estudante surdo nas escolas indígenas *Aldeia Wassu Coca*

A prática docente na escola básica indígena se configura como um campo dinâmico e multifacetado, que demanda dos educadores uma formação capaz de integrar saberes acadêmicos com conhecimentos tradicionais. Nesse cenário, os campos de vivência e os percursos formativos dos docentes ocupam um papel fundamental, permitindo o desenvolvimento de uma educação que respeite e valorize as diversidades culturais e linguísticas dos povos originários, além de promover o reconhecimento e a valorização de suas epistemologias.

Esse desafio está diretamente ligado à busca por uma educação intercultural, que ultrapassa os paradigmas homogêneos e abre espaço para o diálogo entre diferentes formas de saber. Os campos de vivência supracitados se referem aos contextos sociais e culturais em que os professores indígenas estão inseridos, e esses contextos impactam diretamente em sua atuação pedagógica.

Como afirma Candau (2021), a prática docente em contextos interculturais deve ser entendida não apenas como uma transmissão de conhecimentos formais, mas como um espaço de produção e troca de saberes, fortemente alicerçado nas vivências cotidianas das comunidades. Nesse sentido, os professores da Aldeia *Wassu Cocal* precisam atuar como mediadores culturais, conectando os saberes acadêmicos com as realidades locais e promovendo uma educação contextualizada e relevante.

Apesar de a educação inclusiva indígena se apresentar enquanto um desafio, os docentes da Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira, na Aldeia *Wassu Cocal*, desempenham um papel essencial na construção de uma educação inclusiva que respeite a diversidade cultural. Nessa seara, como aponta Gomes (2022), valorizar a prática docente em contextos interculturais requer um compromisso político e institucional com a formação de professores que atuem como agentes de transformação social.

Assim, considera-se como pontos centrais para a promoção da educação inclusiva do estudante surdo na Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira, da Aldeia *Wassu Cocal*:

- a) *Compreensão da Realidade Local* – É essencial conhecer a cultura, os valores e as práticas educacionais da aldeia *Wassu Cocal*, respeitando a língua materna dos indígenas e buscando integrá-la ao processo educacional. Esse entendimento deve ser a base para a construção de uma educação que valorize a identidade cultural da comunidade, garantindo que o ensino seja acessível, relevante e contextualizado para os alunos;
- b) *Educação Bilíngue* – A implementação de um modelo bilíngue, envolvendo a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a língua nativa da aldeia, é essencial. Além disso, é fundamental que professores e intérpretes de Libras sejam capacitados para atuar de maneira eficaz em

contextos culturais indígenas, garantindo a plena inclusão dos estudantes surdos e respeitando as especificidades linguísticas e culturais da comunidade;

- c) *Formação de Professores* – Oferecer formação contínua para os educadores da aldeia, incluindo capacitação em Libras e práticas pedagógicas voltadas para a educação de surdos, além de envolver a comunidade indígena no processo de formação, integrando saberes tradicionais ao ensino;
- d) *Adaptação de Recursos Didáticos* – Desenvolver materiais que respeitem a cultura indígena e atendam às necessidades específicas do estudante surdo, utilizando recursos visuais e tecnológicos que facilitem a comunicação e o aprendizado;
- e) *Envolvimento da Comunidade* – A participação ativa da comunidade indígena no planejamento e na implementação das práticas educacionais é essencial, assim como a realização de oficinas e reuniões para conscientizar a comunidade sobre as necessidades dos estudantes surdos;
- f) *Colaboração Interinstitucional* – Estabelecer parcerias com universidades, organizações governamentais e não governamentais para oferecer suporte técnico, pedagógico e financeiro, promovendo uma educação mais integrada e eficiente para os estudantes surdos.

Elencados os pontos supramencionados, destaca-se a compreensão da interculturalidade na formação docente na visão de Oliveira e Fleuri (2019), a qual exige o reconhecimento das comunidades como espaços centrais de produção e transmissão de saberes. Corroborando com o exposto, Candau (2021) enfatiza que a educação intercultural deve priorizar a revitalização das línguas indígenas como uma estratégia fundamental para fortalecer a identidade cultural.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a qualitativa, a qual se deu com base na abordagem da pesquisa de campo. De acordo com Valle e Ferreira (2023), a pesquisa qualitativa possibilita ao pesquisador interpretar e compreender os

significados atribuídos pelos sujeitos aos fenômenos estudados. A respeito da pesquisa de campo, por sua vez, essa se configura enquanto:

Pesquisa de campo é um tipo de investigação científica realizada diretamente no local onde o fenômeno ocorre, com o objetivo de coletar dados primários e informações empíricas por meio de observação, entrevistas, questionários ou outras técnicas, em contato direto com a realidade estudada. Esse tipo de pesquisa busca compreender fenômenos em seu contexto natural e proporcionar dados mais próximos da realidade concreta (Gil, 2019, p. 119).

Posto isso, foram realizadas observações diretas e entrevistas semiestruturadas com professores e o gestor da Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira, por meio da aplicação de questionários com perguntas fechadas. Os dados coletados foram analisados utilizando a técnica de análise de conteúdo (Gil, 2019), com o objetivo de identificar padrões e relações que revelassem as dinâmicas educacionais da escola.

A escolha por essa abordagem se deu pela complexidade do tema e pela necessidade de captar as percepções e experiências dos diversos atores envolvidos no processo educacional, como os professores e o gestor escolar da Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira, localizada na aldeia *Wassu Cocal*.

3.1 Universo e participantes da pesquisa

O universo da pesquisa abrange a Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira, localizada na aldeia *Wassu Cocal*, no município de Joaquim Gomes, estado de Alagoas. A escolha dessa instituição justifica-se pela sua relevância na educação indígena local, bem como pela presença de estudantes surdos em seu quadro discente, o que a torna um ambiente de interesse para o estudo.

Os participantes da pesquisa são compostos por dois professores e o gestor escolar, totalizando três sujeitos. A seleção dos participantes foi realizada por meio da técnica de amostragem intencional, com o objetivo de incluir informantes-chave, cujas experiências e conhecimentos são fundamentais para fornecer informações relevantes e significativas sobre o tema em questão.

3.2 Instrumentos de coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e observação participante. As entrevistas semiestruturadas permitiram a exploração de questões previamente definidas, ao mesmo tempo em que possibilitaram a emergência de temas espontâneos relevantes, conforme orientado por Valle e Ferreira (2023). A observação participante foi utilizada para compreender as práticas pedagógicas e as interações em sala de aula, assim como o papel da comunidade na dinâmica escolar.

3.3 Análise dos dados

Para a análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo temática, conforme proposta por Valle e Ferreira (2023). Essa abordagem consiste em categorizar os dados a partir de temas recorrentes, identificando padrões e relações que permitam interpretar os significados presentes nas narrativas dos participantes e nas observações realizadas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos resultados e discussão, buscou-se identificar categorias temáticas e interpretar os achados com base na literatura e no contexto investigado, utilizando a observação e a aplicação de questionários. O objetivo foi compreender as práticas pedagógicas e os desafios enfrentados na educação de estudantes surdos na Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira, localizada na aldeia *Wassu Cocal*.

A análise das respostas dos três participantes da pesquisa revelou que, embora ambos os professores possuam formação acadêmica em Pedagogia, nenhum deles tem especialização ou cursos relacionados à educação de surdos ou à Língua Brasileira de Sinais (Libras). Contudo, os dois professores estão atuando na Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira há cinco anos, enquanto a diretora tem mais de oito anos de experiência na instituição, sendo todos de origem indígena, como podemos ver nos fragmentos a seguir:

No primeiro mês de experiência foi mais difícil, pois não tinha formação em libras, mas procurava me comunicar com eles por meio da escrita objetiva e direta no compartilhamento dos conhecimentos em língua portuguesa, os pais os auxiliavam também nas atividades de casa e os colegas, que já tinham estudado com eles me ajudava também os auxiliando nas atividades e foi assim durante todos os anos do ensino médio (Professor 1).

A comunicação escrita foi eficaz, porém agrupava toda turma em dupla e sempre deixava Sammer e Guilherme na companhia de uma colega, que já os acompanhavam desde a infância e as alunas, as quais os auxiliavam, já se comunicava melhor com eles, com minhas instruções, conseguiam ajudá-los nas atividades propostas, usava também vídeos com intérprete e imagens. Quando os trabalhos eram em grupos todos os membros davam uma atenção e esses discentes e eles sempre deixavam suas contribuições por meio da comunicação em libras e um da equipe falava oralmente o que eles falavam (Professor 2).

Sim, pois realizavam as atividades, quando tinham dúvidas perguntavam por escrito e eu também os respondia por escrito e observava suas respostas (Diretora).

No que diz respeito às suas experiências com alunos surdos, os participantes informaram que, no ano letivo de 2024, a escola recebeu dois alunos surdos, os únicos matriculados para aquele ano. Embora a escola reconheça as necessidades específicas dos estudantes surdos, como a acessibilidade linguística, o uso de Libras e a disponibilização de recursos pedagógicos adequados, a instituição ainda não dispõe dos recursos necessários para uma educação inclusiva plena para esses alunos.

Ressalta-se que, no contexto da educação indígena, a Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira precisa integrar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a educação bilíngue/multilíngue (incluindo a língua indígena), respeitando as especificidades culturais da comunidade *Wassu Cocal*. Para isso, é essencial um maior investimento em recursos pedagógicos, capacitação de profissionais e políticas públicas inclusivas. Vale destacar que, atualmente, não há intérprete de Libras na escola para auxiliar nas aulas.

Ainda no tocante ao questionário, os participantes destacaram o uso da Libras como a principal ferramenta de comunicação e ensino, essencial para garantir a compreensão e participação ativa dos estudantes, como podemos observar nos fragmentos a seguir:

Em um primeiro momento me interrogava como trabalhar com eles sem ter formação em libras, mas procurei apoio com outros professores, os quais já tinham trabalhado com eles em anos anteriores, levava vídeos com intérprete em libras, quando encontrava na internet dentro dos conteúdos, e fui aprendendo como compartilhar com eles os conhecimentos a cada ano, falava pausadamente, levava imagens relacionadas aos assuntos para facilitar a comunicação. Tê-los em sala fez com que me reinventasse e buscasse novos métodos para que eles também aprendessem, foi um dos meus maiores desafios (Professor 1)

Com certeza, porque a mediação com um professor na área auxiliaria melhor ainda aos discentes e esses AEE poderiam orientar melhor os docentes desses estudantes, sugerindo métodos para aprimorarem ainda mais suas práticas em sala de aula (Professor 2).

Quanto as estratégias baseadas em recursos visuais, como vídeos legendados, imagens, gráficos e apresentações, utilizadas para facilitar o processo de aprendizagem. Nesse sentido, foram feitas adaptações de conteúdos e metodologias de ensino para tornar os materiais mais acessíveis e culturalmente relevantes para os estudantes (Diretora).

Sobre estratégias e adaptações frente no contexto da educação inclusiva indígena, Silva e Lima (2020) dispõem que:

No contexto da educação inclusiva indígena, as estratégias pedagógicas devem respeitar e valorizar as especificidades culturais, linguísticas e sociais dos povos indígenas, promovendo adaptações curriculares que contemplem suas formas próprias de aprendizagem e saberes tradicionais (Silva; Lima, 2020, p. 145).

A citação de Silva e Lima (2020) destaca a importância de compreender que a educação inclusiva, quando aplicada ao contexto indígena, vai além da simples inserção do aluno em um ambiente escolar. Ela exige uma adequação real das práticas pedagógicas, reconhecendo as particularidades culturais, sociais e linguísticas dos povos indígenas. Nesse sentido, as estratégias educacionais precisam ser sensíveis e abertas à diversidade de saberes tradicionais e às formas próprias de ensinar e aprender das comunidades indígenas.

No contexto da prática pedagógica da escola indígena, a integração entre Libras, o português escrito e a língua indígena promovem um aprendizado culturalmente contextualizado. Além disso, metodologias que incentivem a interação e o protagonismo dos estudantes surdos, como trabalhos em grupo, jogos pedagógicos e práticas participativas, se mostram essenciais. O uso de ferramentas tecnológicas, como *softwares* educativos em Libras ou aplicativos, também pode ser

considerado um apoio importante para o ensino e o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

No entanto, quanto à utilização de materiais pedagógicos adaptados para a educação bilíngue (Língua Portuguesa e Libras), ambos os professores responderam negativamente.

Atualmente, nós não utilizamos materiais pedagógicos adaptados para a educação bilíngue envolvendo Língua Portuguesa e Libras. Trabalhamos com os materiais convencionais, e quando necessário, fazemos adaptações pontuais, mas ainda de forma improvisada e sem recursos específicos voltados para Libras (Professor 1).

Infelizmente, não temos acesso a materiais adaptados para o ensino bilíngue em nossa escola. As aulas acontecem em português, e a Libras ainda não faz parte do nosso planejamento com recursos apropriados. Existe a vontade de implementar, mas faltam materiais e formação específica para isso (Professor 2).

Como mostram os excertos, os principais motivos apontados para a não utilização desses materiais incluem a falta de recursos, a inadequação dos materiais disponíveis, a inexistência de apoio governamental e as dificuldades enfrentadas tanto pelos estudantes quanto pelos próprios professores no ensino bilíngue.

Além disso, ao avaliar a comunicação entre os professores, os estudantes surdos e os demais alunos da escola, os participantes relataram dificuldades nas interações, principalmente quando os colegas ou professores não dominam a Libras.

A comunicação com os estudantes surdos ainda é um desafio. Quando algum de nós não domina bem a Libras, as interações acabam ficando limitadas. A gente tenta usar gestos ou outras formas de comunicação visual, mas sentimos que isso nem sempre supre as necessidades dos alunos surdos, e isso também dificulta a participação deles nas atividades com os colegas (Professor 1).

Percebemos que os alunos ouvintes também enfrentam dificuldades para se comunicar com os colegas surdos. A falta de conhecimento em Libras gera barreiras tanto dentro quanto fora da sala de aula. Isso prejudica a integração dos estudantes surdos nas dinâmicas coletivas e impacta o processo de aprendizagem e socialização. Falta uma formação mais ampla para toda a comunidade escolar nesse sentido. (Professor 2).

Aceca das dificuldades de interações, a falta de fluência na língua de sinais por parte dos docentes e dos demais estudantes é apontada como uma barreira

significativa para a plena inclusão e participação dos alunos surdos no ambiente escolar (Silva; Lima, 2020).

Quanto aos principais desafios enfrentados ao ensinar estudantes surdos na escola indígena Wassu Cocal, ambos destacaram: Falta de fluência; falta de Recursos e Materiais Adaptados; escassez de materiais; tecnologias assistivas; capacitação insuficiente; falta de intérpretes; respeito à identidade cultural e infraestrutura Escolar.

Finalizando, no contexto de opinião sobre compartilhar alguma experiência ou sugestão adicional sobre a educação de estudantes surdos na escola indígena da Aldeia Wassu Cocal, ambos os participantes sugeriram que a escola invista mais em formação contínua, recursos pedagógicos e políticas que integrem estudantes surdos e ouvintes de maneira efetiva, garantindo assim uma educação de qualidade para todos, independentemente das barreiras linguísticas ou culturais. Em suas palavras:

Acredito que uma das principais necessidades da nossa escola é investir mais em formação contínua, principalmente em Libras e em metodologias inclusivas. Já tivemos situações em que queríamos incluir melhor os estudantes surdos nas atividades, mas esbarramos na falta de preparo técnico. A formação nos ajudaria não só na comunicação, mas também em criar estratégias pedagógicas mais adequadas à realidade deles (Professor 1).

Concordo que a formação contínua é essencial. Precisamos de mais capacitações que envolvam não apenas Libras, mas também o entendimento das especificidades culturais da nossa comunidade indígena em conjunto com as práticas inclusivas. Isso fortaleceria tanto o ensino quanto a integração dos alunos surdos com os demais estudantes e com toda a equipe escolar (Professor 2).

É mister ressaltar que, diante das narrativas dos participantes, entende-se que, para pensar a educação de surdos, faz-se necessário entender a surdez não como deficiência, mas como forma de existência, como singularidade, como diferença. Não se trata de dizer uma verdade, de afirmar certezas, porém de abrir horizontes de possibilidades para o estranhamento, a indagação e, quem sabe, para pensar a relação entre educação e surdez de lugares epistêmicos, teóricos, metodológicos e políticos que compreendam a diferença como constitutiva da humanidade (Maturana, 2019).

Nessa esteira, Segundo Maturana (2019):

No contexto da educação e surdez, a alteridade e diferença faz aos seus leitores um convite à aprendizagem. Uma aprendizagem pessoal que supõe também a oportunidade de reconhecer outras experiências, outras necessidades. E, então, continuar a pensar a partir do já pensado. Aprender não como apreensão do já sabido, mas como movimento de, a partir do já pensado, já produzido, criar coisas novas (Maturana, 2019, p. 9).

Ademais, ressalta-se que, diante do que expõe Maturana (2019), considera-se que, cada ato de aprendizagem abre ou deveria abrir horizontes possíveis para já viver outras experiências, pois, pensar a relação entre surdos e ouvintes na educação pública brasileira atual é um desafio, tendo em vista as marcas inveteradas nesse espaço. Ou seja, marcas monolinguísticas, marcas da normalidade, marcas da deficiência e do deficiente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em tela esteve pautado nos seguintes objetivos de pesquisa: objetivo geral analisar as práticas pedagógicas utilizadas na educação de estudantes surdos nessa escola, levando em consideração suas especificidades culturais e linguísticas. Como objetivos específicos, destacam-se: identificar as metodologias empregadas pelos professores no ensino de estudantes surdos, investigar os desafios enfrentados na implementação da educação inclusiva e compreender como os aspectos culturais da comunidade influenciam esse processo.

Nesse contexto, a análise da educação do estudante surdo no contexto da Escola Indígena Estadual José Máximo de Oliveira, situada na aldeia *Wassu Cocal*, localizada no município de Joaquim Gomes, estado de Alagoas, evidenciou a relevância de práticas educacionais inclusivas que considerem as especificidades linguísticas e culturais dessa população.

Assim, observou-se a necessidade de uma articulação entre os saberes tradicionais indígenas, a Libras - Língua Brasileira de Sinais, e o português emerge como um caminho fundamental para garantir o direito à educação dos estudantes surdos, respeitando a diversidade e promovendo a inclusão.

O estudo também demonstrou que, apesar dos desafios relacionados à formação docente, à escassez de recursos e às barreiras comunicacionais, é possível construir uma prática educacional que valorize as identidades indígenas e

possibilite o desenvolvimento pleno dos estudantes surdos. As experiências relatadas pelos participantes da pesquisa de campo destacam a importância de investimentos em capacitação de professores e na produção de materiais pedagógicos adaptados às realidades locais.

Ademais, a abordagem qualitativa e a análise de conteúdo temática aplicada nesta pesquisa permitiram compreender, em profundidade, como as dinâmicas sociais, culturais e educativas influenciam a experiência de escolarização dos estudantes surdos. Tal perspectiva contribuiu para identificar práticas que fortalecem a inclusão e o pertencimento, reafirmando o papel da escola indígena como espaço de resistência cultural e construção de cidadania.

Espera-se que este estudo possa contribuir para a reflexão e o aprimoramento das práticas pedagógicas voltadas à educação de estudantes surdos na escola indígena da Aldeia Wassu Cocal, destacando a importância da formação contínua dos professores e da implementação de materiais e estratégias bilíngues que respeitem tanto a cultura indígena quanto a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Além disso, busca-se sensibilizar a comunidade escolar para a promoção de uma educação mais inclusiva, que favoreça a interação e o desenvolvimento pleno de todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

ALVES, D. S. M. **O ensino de literatura afro-brasileira nos livros didáticos.** Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 145. 2022. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003086706>. Acesso em: 02 jan. 2025.

ATAÍDE, C. R.; COSTA, W. C. L. Formação de Professores: O estado do conhecimento no ensino de fração para estudantes surdos. **Revista Baiana de Educação Matemática**, v. 2, n. 01, p. 13-43, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/349024998_Formacao_de_Professores_O_estado_do_conhecimento_no_ensino_de_fracao_para_estudantes_surdos. Acesso em: 02 jan. 2025.

BUCZENKO, G.L.; SOUZA, M.A. Os povos do campo nos Planos Diretores dos Municípios da Região Metropolitana de Curitiba: educação e escola pública. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 39, 2023, p.756. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0411.82756>. Acesso em: 02 jan. 2025.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei 9.394/96**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei%209394.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2025.

CAIADO, K. R. M.; MELETTI, S. M. F. Educação especial na educação do campo: 20 anos de silêncio no GT 15. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 2024. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-65382011000400008>. Acesso em: 02 jan. 2025.

CANDAU, V. M. **Interculturalidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 2021.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOMES, N. L. Políticas públicas para educação indígena: desafios e perspectivas **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, n. 90, p. 112-132, 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscaador.html?task=detalhes&id=W3089070289>. Acesso em: 02 jan. 2025.

LACERDA, C. B. F. Línguas de Sinais como Línguas de Interlocução: o Lugar das Atividades Comunicativas no Contexto Escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 26, p. 299–312, abr. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343803174_Linguas_de_Sinais_como_Linguas_de_Interlocucao_o_Lugar_das_Atividades_Comunicativas_no_Contexto_Escolar1. Acesso em: 02 jan. 2025.

LODI, A. C. B. **Desenvolvimento de linguagem de crianças surdas em língua brasileira de sinais**. Porto Alegre, Mediação: 2017.

OLIVEIRA, D. A.; FLEURI, R. M. Educação intercultural e formação de professores indígenas no Brasil. In: **Educação e Sociedade**, v. 40, n. 150, p. 89-108, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/196496>. Acesso em: 02 jan. 2025.

QUADROS, R. M. **Educação e surdos**: aquisição de linguagem. Porto Alegre: Artmed, 2020.

SANTOS, F. R.; MENANDRO, P. R. A Licenciatura Intercultural como espaço de articulação entre saberes. **Revista Interdisciplinar de Educação**, v. 16, n. 1, p. 45-61, 2020. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/7209>. Acesso em: 02 jan. 2025.

SILVA, Maria Aparecida; LIMA, José Carlos. **Educação Inclusiva e Diversidade Cultural: Práticas Pedagógicas em Comunidades Indígenas**. São Paulo: Cortez, 2020

VALLE, P. R. D.; FERREIRA, J. L. Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. **Educar em Revista**. Curitiba, Brasil, n. 65, 2023, p. 149-166. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/47454>. Acesso em: 02 jan. 2025.

APÊNDICES

Apêndices A - Questionário aplicado aos segmentos envolvidos.

Questionário: Educação do Estudante Surdo e Prática Educacional

Perfil do (a) participante:

1. Qual é a sua formação acadêmica?
 - a) Licenciatura em Educação Básica
 - b) Licenciatura em Letras/Libras
 - c) Pedagogia
 - d) Outra:
2. Você possui formação ou curso relacionado à educação de surdos ou Libras?
 - a) Sim
 - b) Não
3. Há quanto tempo você atua como professor na escola da Aldeia Wassu Cocal?
 - a) Menos de 1 ano
 - b) 1 a 3 anos
 - c) 4 a 6 anos
 - d) Mais de 6 anos
4. Você é indígena da comunidade Wassu Cocal?
 - a) Sim
 - b) Não

Experiência com alunos surdos:

5. Você já ensinou ou ensina atualmente estudantes surdos?
 - a) Sim
 - b) Não
6. Se sim, quantos estudantes surdos já passaram por sua sala de aula?
 - () Nenhum
 - () 1 a 3
 - () Mais de 3
7. Em sua opinião, a escola possui recursos adequados para a educação do estudante surdo?
 - a) Sim
 - b) Não
 - c) Parcialmente

Práticas Pedagógicas:

8. Quais estratégias ou métodos você utiliza para facilitar a aprendizagem dos estudantes surdos? (Pergunta aberta)
9. Existe intérprete de Libras em sua escola para auxiliar nas aulas?
 - a) Sim
 - b) Não
10. Você utiliza materiais pedagógicos adaptados para a educação bilíngue (Língua Portuguesa e Libras)?
 - a) Sim
 - b) Não
 - c) Em alguns momentos
11. Como você avalia a comunicação entre os professores, estudantes surdos e os demais estudantes da escola? (Pergunta aberta)

Desafios e Percepções:

12. Quais os principais desafios enfrentados ao ensinar estudantes surdos na escola indígena? (Pergunta aberta)
13. Em sua opinião, como o contexto cultural indígena da Aldeia Wassu Cocal influencia a educação do estudante surdo? (Pergunta aberta)
14. Quais mudanças ou melhorias você acredita serem necessárias para promover uma educação mais inclusiva para estudantes surdos na escola? (Pergunta aberta)

15. Existe algum apoio ou formação continuada oferecida pela escola ou Secretaria de Educação para capacitação em Libras ou educação inclusiva?
- a) Sim
 - b) Não
 - c) Parcialmente

Considerações Finais:

16. Gostaria de compartilhar alguma experiência ou sugestão adicional sobre a educação de estudantes surdos na escola indígena da Aldeia Wassu Cocal? (Pergunta aberta).